



José Cardoso Pires

SALÃO DE ESPELHOS

Antigamente é que sim. Antigamente, nos tempos em que as donzelas nortenhas morriam de suspiros, é que os barbeiros tinham honras de doutores. Eram políticos à hora de barbearem o cura e o regedor, cultivavam o soneto nos intervalos dos fregueses e praticavam a cirurgia como sangradores experimentados no gume da navalha e na passagem da mão. Nessa época não havia cá sidas nem hemodiálises e a tísica cheirava a violetas.

Alguns deles eram tão certos no trato com a morte que um tal Manoel Leytão escre-

“Entrei no barbeiro no modo do costume com o prazer de me ser fácil entrar sem constrangimento.”

Sem constrangimento? Esta, francamente, causa-me espanto. Eu, que me lembre, nunca entrei em tal sítio de boa vontade. Na minha infância a barbearia foi sempre uma cadeira de tortura e depois passou a ser uma cadeira de morte, porque me habituei a ver os “gangsters” dos filmes a serem varridos à metralhadora quando estavam sentados ao espelho com a cara cheia de sabão. (Aqui mais uma vez a associação do barbeiro com a morte tem a suarazão de ser se nos lembrarmos de que, além de sangrador, o artista do pente e da navalha é a última pessoa a tratar dum defunto, despachando-o para a eternidade devidamente escanhado. Mas adiante.)

Hoje os barbeiros passaram a cabeleireiros — cabeleireiros de homens, mais propriamente: salões de espelhos, música ambiente, “Paris-Match”, massagens capilares, whisky e manicuras civilizadíssimas. A cadeira de tortura da minha infância transformou-se em trono de doutores, mas o “espírito de lugar” das barbearias mantém-se através dos tempos. São “lobbies” sociais, sempre foram. E são também estâncias de vaidades, onde, falando para o espelho, o cliente enobrece a sua imagem dirigindo ao artista opiniões de muito saber.

Por isso é que para o barbeiro cada cliente é um doutor. Eu próprio fui tratado como tal durante vários meses até que, numa altura em que comecei a usar barba, o homem me passou a arquitecto.

Achei melhor, mas mesmo assim desiludido: arquitecto também não. E para evitar mais confusões informei que também não era militar nem por onde isso passasse, mas simples-

mente desempregado por conta própria. O barbeiro baixou os olhos no espelho, derrotado. Parecia perdido, sem referências.

Só que, na visita seguinte, já estava outro. Mal me pôs a toalha ao pescoço, lançou-me um sorriso triunfal:

“Então, senhor escritor, como tem passado?”

(“Desempregado por conta própria”, estive eu quase a responder. Mas calei-me.)

E ele, num monologar deleitado, entrou-me à vontade pelo cabelo adentro, solfejou a tesoura, navegou o pente, e contou-me que já sabia de livros meus, que havia um cliente que por sinal os conhecia todos, que a Irene manicura me tinha visto na televisão e que pela parte dele, sim senhor, era uma honra, folgava muito. Na sua profissão, disse ainda, aprendia-se muito das pessoas e do mundo em geral.

Despediu-se de mim até à próxima, mas acrescentou: “senhor doutor escritor.”

Assim é que estava certo com a sua bata de barbeiro.

Uma profissão que sabe muito das pessoas e do mundo. Isto faz-me lembrar a única barbearia aberta que descobri há anos num domingo de Sevilha. Porta estreita, duas cadeiras; um só barbeiro, velho e desiludido, por baixo dum canário de gaiola.

Quando me sentei vi escrito no espelho: “Diplomado. Reputación universal.” E reparei que o homem, distante, alheio a tudo, silvava umas notas musicais dirigidas ao canário enquanto me barbeava. Notas soltas, segredadas. Uma certa cumplicidade de solitários.

Ainda hoje estou convencido de que aquele canário cantava Rossini e que só barbeiro o sabia entender porque, como verdadeiro barbeiro, era diplomado e universal. ●

Na minha infância a barbearia foi sempre uma cadeira de tortura e depois passou a ser uma cadeira de morte, porque me habituei a ver os “gangsters” dos filmes a serem varridos à metralhadora quando estavam sentados ao espelho com a cara cheia de sabão.

veu uma “Prática dos Barbeiros” ao preço de trinta reis, onde se comprovava que Galeno, Vesálio e outros doutores consagrados nunca tinham sido grande coisa “no conhecimento das veias e das diferenças do pulso”. Se o padre de Vilar de Perdizes sabe disto, vai fazer saltar os diabos de alegria no próximo congresso da medicina transmontana que ele organiza todos os anos.

Há um medíocre poema do Fernando Pessoa (medíocre? ai, o que eu fui dizer!), enfim, há um poema do Fernando Pessoa onde ele faz um requiem aos barbeiros e a si próprio e que começa assim: